



Bolsonaro e a atualização dos ataques aos serviços públicos

Depois de uma histórica polarização eleitoral, os problemas da vida cotidiana dos trabalhadores se reapresentam. O fim da previdência social, a mordaza nas escolas e as violências contra qualquer trabalhador “diferente” se intensificaram e tomaram as ruas, infelizmente.

O discurso de ódio do novo presidente, somado ao tensionamento da iminência de uma crise econômica (mais profunda que a de 2008), alimentam um clima de guerra civil entre os defensores das saídas violentas contra os problemas criados pelo próprio sistema de mercado.

Nós, como trabalhadores da educação, sabemos que as soluções apresentadas por Paulo Guedes são a morte dos serviços públicos. O superministro, que teve laços estreitos com o governo ditatorial de Pinochet, quer fazer no Brasil o que fez no Chile: ampliando os tempos e a idade de contribuição em todos os níveis. Agora, três décadas depois, diante da disparada de mortalidade dos aposentados na regra de Guedes, o país sul-americano está revendo o formato. Os salários dos idosos não compram alimentação adequada e remédios para tratar as doenças adquiridas durante a vida. Esse é o projeto do governo Bolsonaro: fazer o pobre trabalhar até morrer.

Dentro das escolas, já vemos a intolerância se disseminar, antes mesmo da aprovação do Escola Sem Partido (ESP). Recebemos inúmeros relatos de tiros, depredações, estupro e trocas de mensagens caluniosas – partindo de setores fundamentalistas religiosos reacionários da sociedade brasileira – contra estudantes e educadores, que dedicam

suas vidas ao ensino. Cabe ao sindicato, e a cada pessoa de bom senso, intervir nessas situações: reconquistar o papel ativo da escola nos processos de aprendizagem – científicos e históricos – da humanidade. Isso significa, obviamente, debater todos os temas importantes para a sociedade.

Outra ação do novo governo foi a extinção do Ministério do Trabalho, entre outros. A dimensão disso é enorme, pois inúmeras ações de incentivo a juventude, por exemplo o Sistema Nacional de Emprego (Sine), passavam por lá. Outra questão preocupante é que esse ministério regula o funcionamento dos sindicatos. Sabe-se que a intolerância pregada pelo novo governo é dirigida aos que lutam pela

melhoria de vida da classe trabalhadora, o que nos coloca na linha de tiro. Para tanto, a vida sindical precisa ser reforçada cotidianamente: por meio de assembleias, de atividades culturais e, principalmente, pelas ações em defesa da Rede Federal e de nossos direitos.

Desta maneira, o SINASEFE se coloca favorável a uma grande campanha em defesa de educação pública. Seguir criando redes de proteção contra os ataques

vindos do governo ou de mercenários que se acham na razão de bater, estuprar, atirar ou numa palavra *violentar* as instituições educacionais brasileiras.

Parte disso passa por atuar em conjunto com outras entidades sindicais, como Andes e Fasubra e, também, com as entidades dos gestores, Andifes e Conif. O SINASEFE está construindo essa grande frente em defesa dos serviços públicos de maneira ativa e comprometida.



De cabeça erguida, retomar o diálogo cotidiano e o trabalho de base

As notícias que vem do Planalto não são nada alentadoras para os servidores públicos. Reforma da previdência, privatizações, fim da estabilidade, corte de investimentos, separação do ensino superior do MEC etc.

No entanto, a vida continua e o SINASEFE se manterá fazendo seu trabalho em defesa da educação de qualidade e dos direitos dos trabalhadores.

Devido ao caráter ultrarreacionário do governo, nossa categoria precisa recalibrar suas pautas e formas de luta e organização. A mudança da conjuntura cria a necessidade de repensarmos alguns mecanismos de defender nossos direitos como trabalhadores do estado.

Já existem várias iniciativas acontecendo pelo país visando a disseminação do trabalho da Rede Federal, demonstrado os altos níveis de qualidade que oferecemos nas instituições. Os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), referentes à Rede, são bem superiores aos resultados das escolas privadas. Ou seja, o que, caluniosamente, dizem ser uma escola doutrinadora e de segunda linha, é, na verdade, referência em qualidade educacional.

Nossa produção de conhecimento nas diferentes áreas já valeu inúmeros títulos em eventos internacionais, demonstrando mais uma vez que a ciência deve pautar o diálogo com a

população. Infelizmente, as seitas fundamentalistas querem acabar com a referência científica das nossas escolas para implantar um tipo de ensino medieval ou a distância. Exemplo disso são os defensores do Escola Sem Partido, para quem até a geografia do planeta Terra é questionada. Vejam onde chegamos...

Por fim, resta acalmar os ânimos e preparar-se para tempos em que o trabalho de base e o diálogo olho-no-olho será retomado. Em que as reuniões deverão ser mais discretas, para evitar os ataques violentos de uma parte da população que está cega diante de tanta mentira.

Vamos erguer a cabeça e seguir construindo um mundo em que a humanidade seja o centro das preocupações, e não o lucro, a intolerância e o ódio.



Se o futuro nos pertence

Virgínia Quitzel

*Se o amor fosse livre
Talvez não houvesse o medo
Curioso sonho
Viver sem este mal desespero*

*Se as pessoas fossem livres
Talvez não houvesse o receio
Ardilosa vontade
Viver a vida por inteiro
Se o mundo fosse livre
Poderíamos reiventá-lo
Seríamos então
seres humanos
Melhor preparados
Menos frustrados
Mais amados*

*Se este poema fosse lido
Talvez lhe trouxesse
um sorriso
Em troca de um
desabafo perdido
Encontraria um antigo sonho
de um oprimido*

INFORME DO PLANTONISTA DE BASE

PL Escola Sem Partido

Pretendíamos acompanhar na tarde de quarta-feira (07/11) a votação na comissão Especial da Câmara o Projeto Escola Sem Partido (PL nº 7180/14). Ocorre que após três tentativas frustradas de adentrar no Senado e depois na Câmara de Deputados, entramos pelo Anexo II, no corredor das Comissões e nos deparamos com a proibição de entrarmos na sala onde ocorreriam os debates.

Nos deslocamos para outra sala, no plenário 8 das comissões, no intuito de acompanharmos os debates através de um telão.

Neste espaço já se encontravam vários “bolsominions” que com palavras de “desordens” tentavam intimidar posicionamentos contrários ao projeto. Estiveram presentes representantes de várias entidades nacionais (Andes-SN, SINASEFE, Fenet, Une etc). Devido a grande desordem nos retiramos e voltamos as nossas atividades.



Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Plantonistas responsáveis: Ricardo Velho (coordenação geral), Camila Marques (coordenação de formação política), José Luiz Papa (1ª tesouraria) e Ricardo Eugênio (plantão de base).

Diretores de Comunicação: Lucrécia Helena e Michel Torres

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: dn@sinasefe.org.br e
imprensa@sinasefe.org.br

Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br



Filiado à

